

A LUZ COMO ELEMENTO DA ARQUITETURA

* Antonio Castelnou

RESUMO

O texto procura apresentar de uma forma geral o papel que a luminosidade empenhou na Arquitetura a partir da apresentação de sua evolução histórica e procurando despertar o interesse pelo assunto, considerado de grande relevância para a área específica.

Dentro da História da Arquitetura é possível identificarmos a importância que a luz representou nos seus sucessivos períodos. A partir de um amplo quadro, podemos situar soluções de iluminação que, intencionalmente ou não, possibilitaram uma abordagem do espaço e a sua apropriação de modo diverso.

Além de sua principal função, que é a de iluminar, a luz torna-se um elemento de decoração de interiores, assim como de arquitetura de exteriores. Ambientes podem ser "aclimatizados", isto é, dotados de características especiais, dependendo do trabalho de iluminação ali proposto, seu tipo e intensidade. A luz é capaz de "aumentar" ou "diminuir" as proporções de espaços, valorizar certas peças do mobiliário ou mesmo ângulos de visão, conferindo-lhes relevo e profundidade ou, ainda, dividir e agrupar ambientes.

* Docente na área de Teoria e História da Arquitetura do Centro de Tecnologia e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina e do Departamento de Arquitetura do Centro de Estudos Superiores de Londrina.

Na Antiguidade, a luz, principalmente solar, foi sempre observada na disposição de compartimentos e soluções de aberturas. Embora essencialmente natural, a iluminação sempre influenciou no aspecto e uso dos espaços construídos pelo homem. Sua participação é tanto como elementos funcional quanto simbólico e as formas que o homem encontrou de apropriar-se dela levaram a progressivas inovações na sua aplicação dentro da arquitetura. A luz torna-se assim, ao mesmo tempo, condicionante funcional e determinante sensitivo.

Os antigos já conheciam a importância da luz para a vida do homem, embora não aplicassem sistematicamente seus efeitos nos espaços interiores. Os templos egípcios eram escuros, já que as janelas eram estreitas, de modo a evitar a entrada do calor intenso do deserto, além de criarem um ambiente de recolhimento espiritual. Entretanto, o estudo dos raios do sol possibilitou que fossem criadas soluções de iluminação especial sob determinados ângulos para certos horários do dia. Estátuas de deuses banhavam-se de luz dourada mesmo estando reclusas entre muros de pedra.

Analogamente, os arquitetos mesopotâmicos, para evitar que as bases dos edifícios mais importantes fossem esmagadas, concebiam paredes muito espessas e suprimiam as janelas, consideradas como pontos fracos. Apesar disso, a luz, assim como o ar, entrava pela porta e por vezes através de grelhas de pequenas dimensões, verdadeiros antecessores dos "muxarabis". A luz, conforme as disposições arquitetônicas, penetrava o interior das construções, revelando contrastes e ampliando o espaço útil.

Numa evolução constante, principalmente de materiais e de técnicas executivas, as possibilidades de abertura para o exterior caminharam cada vez mais para uma arquitetura melhor iluminada, que no Oriente Próximo adquiriu inclusive significações importantes.

Situada num clima onde a luz natural é intensa, a arquitetura islâmica tem como um de seus princípios fundamentais a dissolução da matéria e a idéia de sua transformação. O resultado disto é um mundo que não reproduz o objeto real, mas o elemento superposto, que transcende, trazendo-o para a realidade. A decoração arquitetônica parte desta idéia: são paredes cobertas de ornatos em gesso e azulejos, abóbodas e arcos cobertos de arabescos florais e cúpulas decoradas com infinitos padrões, cuja luz revela toda a sua magnificência. A luz filtrada por delicados desenhos nas janelas compõe o ambiente muçulmano, conferindo-lhe brilho e clareza mística.

Os turcos e árabes também tiravam partido da pintura de lustres que, devido à projeção luminosa, refletiam-se nas paredes, o que criava efeitos nas mesquitas, assim como criavam nichos com iluminação direcionada. Quando vieram à Península Ibérica, no século X d.C., transformaram a decoração em gesso e mármore das mesquitas de Córdoba numa delicada renda. São padrões planos reduzindo-se numa trama brilhante e precisa, ressaltada intencionalmente pela luz contra um fundo escuro.

Da mesma forma, os hindus, chineses e japoneses construíram obras nas quais a luz tem o fundamental papel na definição e destaque de detalhes construtivos, que dão às suas arquiteturas características peculiares e de extrema originalidade. A tradicional Arquitetura Sukiya japonesa é um claro exemplo da importância dada à iluminação natural.

Entretanto, é na Arquitetura Grego-Romana que o potencial da luz como elemento compositivo se expressa de maneira única. Como estava longe do pensamento grego a problemática psicológica do íntimo, que constituiria a força motriz da pregação cristã e que teve a sua primeira manifestação arquitetônica nos escuros silêncios das catacumbas, a civilização helênica se exprimiu ao ar livre, fora mesmo dos templos divinos, nas acrópoles e nos teatros abertos. Ou foram nos recintos banhados intensamente de luz que os gregos formaram as bases do mundo ocidental.

Nas habitações gregas, em especial nos palacetes, a distribuição dos cômodos era lógica, em torno de um quadrilátero livre, no qual um pátio se abria à luz solar. Nos aposentos, poços de iluminação e de aeração se verificavam, preocupações que se refletiam também nas casas comuns. Através do jogo de luzes, o arquiteto grego marcava o ritmo e valorizava a composição exterior dos seus edifícios, o que fazia com uso de fortes contrastes. A luz diurna direta compunha a fachada e sublinhava seus detalhes construtivos.

Os romanos seguiram os gregos. A casa romana comum, da cidade, recebia o nome de "domus" diferindo-se da rural, de descanso, chamada "vila". De origem grega, a composição arquitetônica era de dois pátios: o "átrio" e o "peristilo", ao redor dos quais se dispunham os aposentos, que para aí se voltavam e daí recebiam a luz. Nas fileiras de colunas e nos relevos dos frontões, os claros e escuros são portadores de toda a essência clássica.

As primeiras basílicas cristãs e suas naves com decorações em mosaico colorido enriqueciam-se ainda mais com a iluminação. O ritmo intenso dos arcos rumo ao altar-mor é dado pela luz, que destaca corajosamente as formas do Classicismo para expressar toda a poética do novo espaço lírico cristão. Tanto em Roma como em Milão, surgem os batistérios de planta central, com bacias de imersão e solução iluminística funcional: a luz intensa, que vem do alto e investe sobre o espaço central, simboliza a graça que desce sobre os batizados, enquanto que o anel na sombra acentua o recolhimento místico dos participantes.

A arquitetura Medieval, da Bizantina, passando pela Românica, à Gótica, dos séculos X e XI e meados do século XVI, era uma arquitetura severa, executada em pedra ou tijolo, que apresentava poucas janelas e, portanto, era pobre em iluminação. Porém, os edifícios religiosos, com suas cúpulas e abóbodas de semicírculo e arestas, caracterizavam-se por ambientes cuja luz revela de modo especial. Nos mosteiros, as galerias ou "claustros" desenvolviam-se em arcos sucessivos, num jogo de luz e sombra de emolduramento característico.

As catedrais góticas destacaram-se por praticarem nas paredes grandes e numerosas janelas. Seu esqueleto de pedra permitia a criação destas amplas paredes de vitrais coloridos, verdadeiras obras de arte na proporção do máximo de iluminação aos interiores. Esta circunstância explica a difusão desta referida arquitetura nos países nórdico-europeus, pobres de luz, e, ao mesmo tempo, permite compreender o sentido verticalista da sua composição.

O Renascimento dos séculos XV ao XVI explode numa arquitetura que literalmente reluz. Na exploração dos efeitos de luz e cor, as superfícies, tanto rústicas quanto totalmente lavradas, definem ambientes nos quais a iluminação compõe todo o sentido do espaço.

O jogo de luz e sombra é um dos meios mais eficazes que o artista tem de representar o real e, no caso da arquitetura, de ressaltar ou ocultar detalhes. Os mestres renascentistas da Itália aprenderam a usar contrastes diversos de luz e sombra para criar ilusões de profundidade nas suas telas e obras arquitetônicas. O ângulo sob o qual a luz incide no objeto, juntamente com a sombra resultante, altera a impressão de volume e de relevo, proporcionando determinada atmosfera. Com a luz, o arquiteto cria espaços e sensações diferentes.

A luz também se acentua no Barroco do século XVII. Se ao clássico se ajustava a concepção linear, o predomínio da superfície, a compacidade das formas, a pluralidade dos motivos decorativos e a clareza do conjunto, o Barroco volta-se ao jogo do pitoresco, o sentido de profundidade e a complexidade dos aspectos, como bem a luz demonstra intencionalmente. Na obra dos arquitetos barrocos, inclusive a aplicação de espelhos, em frente uns dos outros, nas paredes, tendia a ampliar as dimensões das salas, ao mesmo tempo que a luminosidade, imprimindo majestade e suntuosidade à sua aparência.

A partir do século XVIII ressurgiu a sobriedade e a severidade da Arquitetura Clássica, embora os estilos, principalmente os franceses, se fizessem mais ágeis e mais pessoais. O Luís XVI, por exemplo, contemporâneo da fundação da Academia de Belas Artes, inova em janelas já servidas pela madeira com balcões salientes, sobre apoios de pedra fechados por parapeitos de ferro forjado. Seus tetos de ardósia são quebrados pelas "mansardas", criadas por Francisco Mansard; suas clarabóias se abrem entre capitéis invertidos e sua decoração é uma repetição de sóis, símbolos alusivos do grande Bourbon. Era a luminosidade reinante sobre a obra arquitetônica.

O gosto eclético do século XIX revê a repetição clássica, o impulso romântico e a liberdade linguística. A luz se difunde e se mescla ao Eclesiástico. Torna-se intensa e destacada nas obras dos engenheiros, como o Palácio de Cristal ou a Torre Eiffel. É sensual e sedutora no Art Nouveau, definindo curvas e detalhes inspirados nas formas naturais, revelando contrastes e intenções.

O desenvolvimento da arquitetura de ferro e vidro incorpora definitivamente a luz à criação arquitetônica. A busca pela abertura coincidiu com o ideal moderno de liberdade, de ruptura com o passado, ou melhor, da arquitetura de luz. Será no nosso século que a iluminação passará a cumprir um importante papel na construção do espaço, seja funcionalmente como simbolicamente.

Para os arquitetos expressionistas alemães, a luz assumiu um significado místico, identificado com a idéia do cristal representar o supremo, o divino, por suas superfícies refletirem a luz do mundo exterior. Ao simbolismo do cristal foram associados o vidro e o aço, na busca de uma "arquitetura luminosa e cristalina", na qual a luz converte-se num princípio dinâmico, que mobiliza os espaços num sentido ascendente ao infinito.

Tal significado da luz adquire mais tarde, no Movimento Moderno das décadas de 20 e 30, um sentido mais funcional, mas também dotado de uma intencionalidade social e humanista. Ocorre a valorização higiênica da luz e a ela associa-se o objetivo de emancipação social, uma vez que a Arquitetura Moderna convergia para uma ética de signo socialista e reformador.

É nas próprias palavras de Le Corbusier que se encontra a interrelação entre o objeto arquitetônico e a iluminação. Para ele, "arquitetura é o correto e magnífico jogo de massas produzido com maestria à luz".

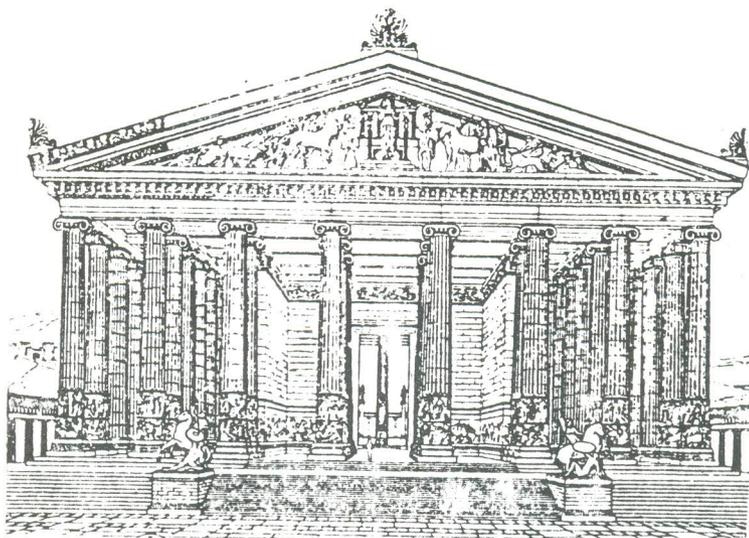
A partir da segunda metade do século XX, com a experiência dos modernos e daqueles que os seguiram, a pesquisa e aplicação da luz na arquitetura se amplia cada dia mais, num caminho de interação constante e muito rico. A luz torna-se brilhante, vivaz, sedutora e envolvente. Ela se reflete por toda parte, dia e noite, dentro e fora. Hoje já podemos definir a luz, assim como os demais meios de que o arquiteto se apropria para a elaboração de sua obra, como um importante instrumento para a criação espacial, e de cujo estudo dependemos para a aplicação dos seus mais interessantes efeitos.

Enfim, além de suas conotações técnicas e funcionais, a luz, tanto a natural quanto a artificial, não perde o seu poder de dar vida aos espaços arquitetônicos e, mais ainda, conferir-lhes magia.

BIBLIOGRAFIA:

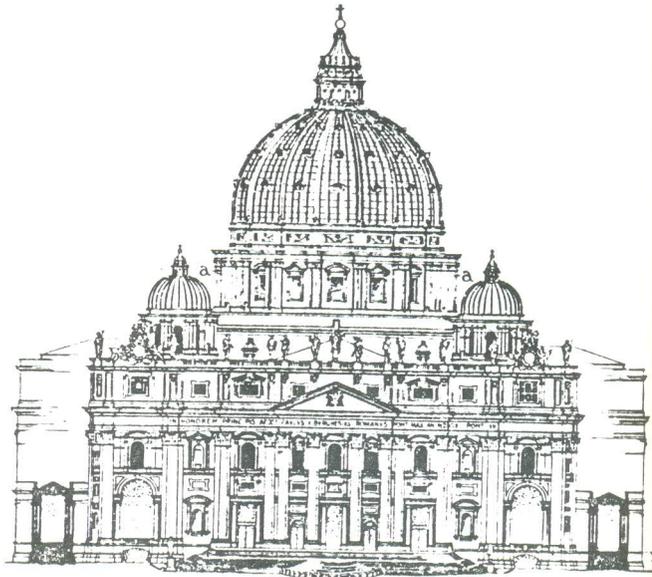
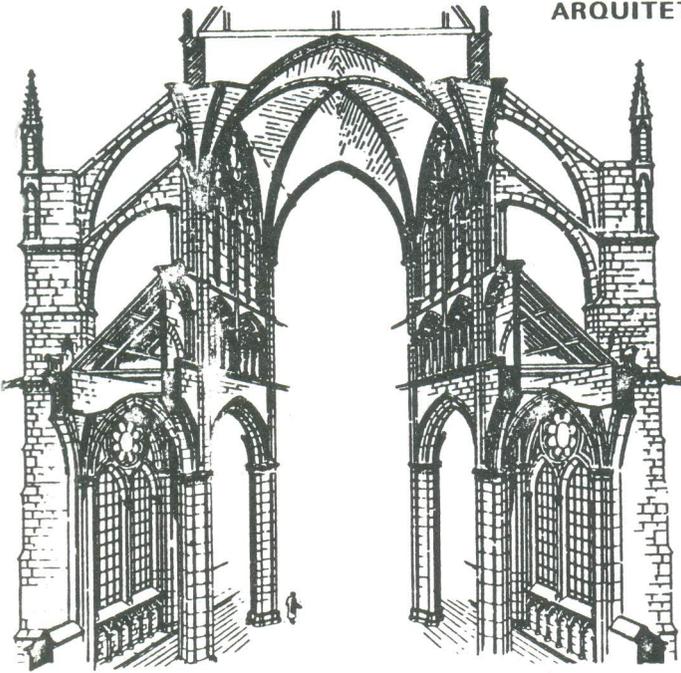
- BENÉVOLO, Leonardo - "Introdução à Arquitetura", Ed. Mestre Jou, São Paulo, 1980;

- CHOISY, Augusta - "História de la Arquitectura", Ed. Victor Leru, Buenos Aires, 1980;
- FLETCHER, Banister - "A History of Architecture", The Athlone Press, Londres, 1975;
- MASCARÓ, Lucia R. - "Luz, Clima e Arquitetura", GG Edições Técnicas, Porto Alegre 1981;
- SUBIRATS, Eduardo - "Da Vanguarda ao Pós-Moderno", Ed. Nobel, São Paulo, 1986;
- BECKER, Carlos E. - "Arquitetura, Ed. W. M. Jackson, São Paulo S/D.

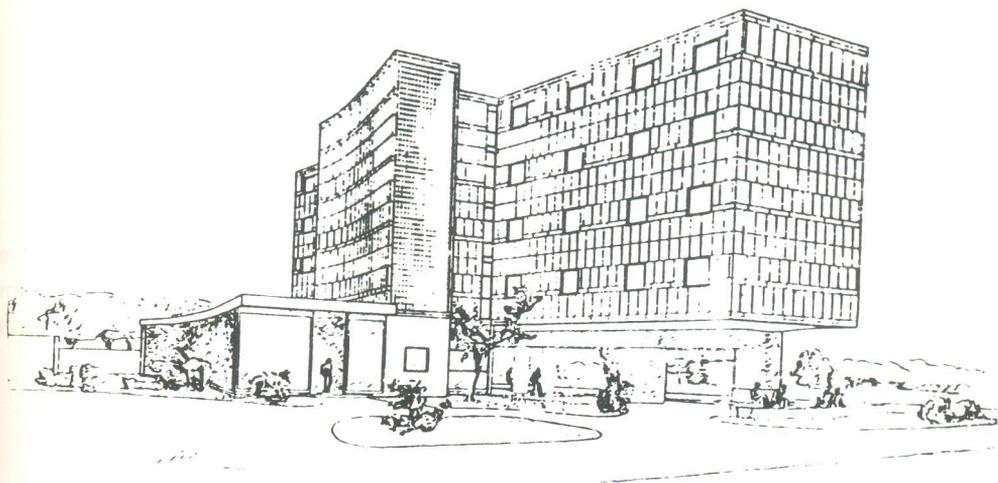


ARQUITETURA GREGA

ARQUITETURA GÓTICA



ARQUITETURA RENASCENTISTA



ARQUITETURA MODERNA